





Foto: Cláudia Sousa

p173

Cláudia *Sousa*

TEXTO SÍLVIO MENDES
DATA DA REPORTAGEM 09/2008

Cólobo vermelho («*Procolobus badius temminckii*») a alimentar-se, Guiné-Bissau, 2007

Primatologia
Portugal





Claudia Sousa na travessia do rio Cacine durante a prospecção de chimpanzés com Catarina Casanova, Guiné-Bissau, 2007

Foto: Catarina Casanova





Cláudia Sousa

/ UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

TEXTO SÍLVIO MENDES

No Jardim Zoológico de Lisboa, deu os primeiros passos na área da Primatologia, estudando o comportamento social dos chimpanzés. No Japão investigou a capacidade cognitiva dos chimpanzés. Em África viveu os momentos mais felizes e alguns dos mais difíceis da sua carreira a observar chimpanzés selvagens. De volta a Portugal, Cláudia Sousa divide o seu tempo entre o ensino, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa,

e um projecto de conservação de espécies primatas na Guiné-Bissau, que ajuda a coordenar.

Cláudia partilha todas as suas histórias no refúgio do seu gabinete recheado de recordações de África. E conta como, apesar de feliz com a sua actividade de docente em Portugal, tem muita vontade de integrar durante mais tempo projectos de investigação em território africano.

Quando Cláudia Sousa iniciou a Licenciatura em Biologia, na Universidade de Coimbra, estava ainda longe de imaginar que alguns anos mais tarde estaria a trabalhar com chimpanzés num laboratório japonês. Muito menos lhe passava pela cabeça que um chimpanzé, em plena floresta da Guiné-Conacri, viesse um dia a sentar-se a seu lado enquanto partia nozes. E que o mesmo primata, um ano depois, a perseguiria com pedras e paus para mostrar a sua virilidade ao resto da comunidade de chimpanzés.

A primatóloga portuguesa de 33 anos nasceu em Coimbra, mas viveu na Figueira da Foz até aos 18 anos, altura em que se mudou para a «cidade do conhecimento» para iniciar o seu percurso universitário. Para trás ficou uma infância feliz, durante a qual já revelava um fascínio pela natureza. O primeiro livro a cativá-la não tinha nada a ver com primatas e chamava-se *A Prodigiosa Aventura das Plantas*, de Jean-Marie Pelt e Jean-Pierre Cuny.

Indecisa entre Medicina, Medicina Veterinária ou Biologia, acabou por optar pela última porque sempre teve «vontade

de contribuir de alguma forma para a ciência». Só não sabia ainda como. Recordar-se perfeitamente do momento em que surgiu a vontade de seguir uma carreira em Primatologia. Aconteceu durante uma aula de Antropologia Geral, já (ou apenas) no terceiro ano da licenciatura, em que se falava sobre os contributos da Antropologia para o conhecimento de outras áreas. «Quando se começou a falar de chimpanzés, senti que era aquilo que eu gostava mesmo de fazer.» Mais do que sentir, Cláudia Sousa fez-se ao caminho. Conversou com docentes para averiguar a possibilidade de fazer um estágio com chimpanzés e foi reencaminhada para Lisboa para falar com Catarina Casanova, hoje sua colega de investigação, que tinha feito um mestrado com chimpanzés do Jardim Zoológico de Lisboa. Foi aí que tudo começou. Uma estrada que a levou ao Japão, às florestas africanas e à docência na Universidade Nova de Lisboa (UNL).

Sentada na secretária do seu gabinete, na UNL, Cláudia Sousa fala-nos da sua vida com os chimpanzés. O seu gabinete é mais africano do que japonês. Pósteres, foto-



Foto: arquivo pessoal de Cláudia Sousa

Cláudia Sousa com 6 anos de idade, 1981

grafias e lenços africanos decoram a sala, onde também marca presença um pequeno primata de pelúcia (um gibão da Indonésia) pendurado num vaso. A sala rectangular termina com duas grandes janelas viradas para a cidade. Lá fora, duas palmeiras imponentes e uma correria de gente anónima.

No final da licenciatura, Cláudia Sousa, determinada a trabalhar com chimpanzés, escreveu dezenas de cartas e *e-mails* «a todos os directores de laboratório e projectos possíveis e imaginários». Teve uma percentagem de respostas baixíssima, e apenas duas ou três «semipositivas». «Para quem está em Portugal, onde não existe tradição nesta área, encontrar alguém no estrangeiro que nos aceite para recolher dados com chimpanzés leva algum tempo», explica. Uma das respostas veio do director do Primate Research Institute da Universidade de Quioto, que lhe dizia qualquer coisa como isto: «Durante o mês de Dezembro (de 1998) vou estar em Paris, se quiser pode ir lá falar comigo». «Nem pensei duas vezes e, numa altura em que não tinha muito dinheiro, porque ainda era estudante e vivia à custa dos pais, comprei um bilhete de autocarro, daqueles que demoram 23 horas a chegar, e

fui lá falar com ele.» O investigador japonês estava a dar um conjunto de palestras e, nos intervalos, fazia-lhe perguntas e trocavam impressões. Passados três dias, perguntou-lhe quanto tempo precisava para organizar as coisas e juntar-se ao projecto de investigação. Um mês depois, a 30 de Janeiro de 1999, Cláudia Sousa apanhava um avião para o Japão.

Se é verdade que a família sempre a deixou à vontade para decidir o que achasse melhor para a sua vida, não menos certa foi a preocupação quando perceberam que Cláudia optava por seguir uma área que não lhes parecia oferecer muitas saídas profissionais. «E que vais tu fazer com isso?», era a pergunta comum. «Mas eu sempre lhes disse que tinha de trabalhar numa coisa de que gostasse, independentemente de isso vir ou não a trazer-me um emprego a curto prazo», esclarece a cientista.

Contudo, será que hoje, volvidos dez anos, é fácil explicar o que faz a familiares e amigos? «A maior parte das pessoas do meu ciclo de amizades sabe o que eu faço, a esses nunca tive dificuldade em explicar. Mas se conheço uma pessoa nova que me pergunta o que faço profissionalmente,